



ETNOGRAFIA DIGITAL MULTISSITUADA: EXPERIÊNCIAS DE MOBILIDADE DE JOVENS A CRESCER EM REGIÕES DE FRONTEIRA

MULTI-SITED DIGITAL ETHNOGRAPHY: MOBILITY EXPERIENCES OF YOUNG PEOPLE GROWING IN BORDER REGIONS

Sofia Marques da Silva

DOI: <https://doi.org/10.34627/uab.edel.15.9>

“Follow the people”, “Follow the Thing”, “Follow the metaphor”, “Follow the Plot, Story, or Allegory”, “Follow the Life or Biography”, “Follow the conflict”. (Marcus, 1995, pp. 106-110)

RESUMO

É reconhecida uma intensificação da relação entre a etnografia e o digital, pelo efeito que a tecnologia teve nas condições da investigação etnográfica, através de novas ferramentas, de imersão nos contextos digitais onde se produzem culturas, também educacionais, e aos quais se torna pertinente aceder e conhecer. Esta relação foi-se construindo sobre um património metodológico, ontológico e epistemológico, mas também disciplinar. Hoje, reconhece-se, não sem controvérsia, os contributos desta ligação e, sobretudo, a capacidade do método em reafirmar o seu potencial hermenêutico e dialógico, com perdas e ajustes, mas com novas potencialidades. Contudo, esta ligação não é meramente instrumental ou contextual. O digital tem um discurso próprio, objetos situados digitalmente, alguns dos quais apenas visíveis de forma mais clara pela utilização de ferramentas digitais ou observação de contextos digitais. O conhecimento produzido por uma etnografia digital estimula um estudo sobre o método, no âmbito do que se tem designado como a vida social dos métodos, e sobre como, enquanto etnógrafos e etnógrafas, definimos as nossas “posicionalidades” e o nosso papel. Aqui propõe-se um contributo para averiguar o que se conserva do método – denso e descritivo – quando se procuram estudar as implicações e as interações sociais da vida social online ao mesmo tempo que se aponta para a complementaridade entre a etnografia *offline* e *online* no exercício de dar conta de fenómenos socioeducativos multissituados.

Palavras-chave: Etnografia multissituada; Digitalização; Mobilidades jovens; Regiões de fronteira



ABSTRACT

An intensification of the relationship between ethnography and digital is recognized, because of the effect technology had on the conditions of ethnographic research, through new tools, immersion in the digital contexts where cultures are produced, also educational, and to which it becomes pertinent to access and know. This relationship was built on a methodological, ontological, and epistemological heritage, but also disciplinary. Today, it is recognized, not without controversy, the contributions of this connection and, above all, the ability of the method to reaffirm its hermeneutic and dialogical potential, with losses and adjustments, but with new potentialities. However, this link is not merely instrumental or contextual. Digital has its own discourse, objects located digitally, some of which are only visible more clearly using digital tools or observation of digital contexts. The knowledge produced by a digital ethnography stimulates a study on the method, within the scope of what has been designated as the social life of methods, and on how, as ethnographers, we define our "positionalities" and our role. Here it is proposed a contribution to ascertain what is preserved from the method – dense and descriptive – when trying to study the implications and social interactions of online social life while pointing to the complementarity between offline and online ethnography in the exercise of reporting multi-situated socio-educational phenomena.

Keywords: Multi-sited ethnography; Digitization; Youth mobility; Border regions



INTRODUÇÃO

A progressiva imersão em contextos digitais e a digitalização que se está a processar nos mais diversos domínios da realidade social, chegou à prática da investigação, com interferências no *fazer*, com vista à produção de conhecimento científico. Há mais de duas décadas que se faz investigação utilizando ferramentas digitais, mergulhando em diferentes tipologias de contextos situados *online*, sejam plataformas ou redes sociais (Baker, 2013; Hine, 2000). Assim, não apenas os procedimentos, mas também os contextos de investigação sofreram mudanças. Esta transição para contextos digitais com o propósito de fazer investigação científica e de se produzir conhecimento tem sido acompanhada por narrativas distintas, quer sejam de crítica aos novos modos de fazer, quer seja de valorização do potencial, ou de uma descoberta de novas facetas do social que emergem de interações distintas e possibilitadas pela desmaterialização de muitas das nossas ações (Denzin, 2004; A. N. Markham & Baym, 2009; Wellman & Haythornthwaite, 2002).

Os contextos sociais *online* geraram interesse junto da comunidade académica e conhecer fenómenos sociais que se tornam visíveis ou são produzidos por aqueles contextos interessou investigadores/as das ciências sociais. Os novos media fizeram surgir espaços comunicativos aos quais a vida quotidiana ficou permeável e os conteúdos digitais têm sido objeto de atenção, desde as redes sociais aos *blogs* (Hewson et al., 2016).

O foco deste capítulo vale-se de um estudo etnográfico multissituado (Marcus, 1995) e longitudinal que teve início em 2010 sobre jovens a crescer em regiões de fronteira e os seus percursos educativos e juvenis. Começa por ser uma etnografia *in situ* que mais tarde se desenvolve no contexto digital para continuar a acompanhar os sujeitos nos contextos. É neste último contexto que outras experiências juvenis se tornam visíveis e se constroem. Uma destas experiências, a mobilidade enquanto prática cultural, mostrou-se como fenómeno multissituado que toma lugar em contextos digitais e não digitais, que contém aspetos exclusivos da experiência digital, mas que se constrói por relação a outras experiências sociais e culturais.

Este é um breve contributo para averiguar o desenvolvimento do método etnográfico – denso e descritivo²⁸ –, refletindo sobre alguns

²⁸ Importa clarificar que, quando se refere a etnografia como método que produz uma forma distinta de descrição, esta é uma descrição que, não sendo ainda teoria, é estruturada por quadros conceituais e teóricos (Hammersley, 1992/2001).



aspectos em torno das condições da sua existência, a partir dos desafios do digital e a emergência de objetos socioeducativos que as ferramentas e os contextos digitais tornaram mais visíveis. Ao mesmo tempo, apontamos para os benefícios de uma complementaridade entre a etnografia *offline* e *online*, no exercício de dar conta de fenômenos socioeducativos multissituados, ou até de fenômenos que precisam de ser estudados, considerando ao mesmo tempo o movimento e um lugar (Walker, 2010). Algumas notas e outros materiais empíricos que se vão incorporando, são apenas para auxiliar a argumentação em torno dos contributos que os contextos digitais e a etnografia nestes desenvolvida trazem, quando tratamos cada vez mais de objetos, fenômenos e experiências multissituadas.

ETNOGRAFIA

A etnografia, método que, de forma mais ou menos orgânica, foi integrando, ao longo de mais de um século, as mudanças e os desafios que o mundo social ia sofrendo, foi desde finais da década de 1990 confrontada com a massificação da *internet* e dos media digitais (Amit, 2000; Beaulieu, 2005; Dicks et al., 2005; Hine, 2000). É reconhecida uma intensificação da relação deste método com o digital, quer pelo efeito que a tecnologia teve nas condições da investigação etnográfica, através de novas ferramentas, quer pela oportunidade de imersão nos contextos digitais nos quais se produzem e se vivem culturas (Hine, 2000; A. Markham, 1998). Esta relação foi-se construindo sobre um património metodológico, ontológico e epistemológico, mas também disciplinar, ganhando contornos próprios que têm conduzido quer a processos de alguma reestruturação metodológica, quer a uma certa inevitabilidade de considerar os contextos *online* em qualquer estudo etnográfico que se realize (Plowman, 2017).

Sendo uma abordagem cada vez mais popular em vários domínios de investigação e campos científicos, reconhece-se, não sem controvérsia, os contributos desta ligação e, sobretudo, a capacidade do método em reafirmar o seu potencial hermenêutico e dialógico, com perdas e ajustes, mas com novas potencialidades (Murthy, 2008; Pink et al., 2016; Webster & Silva, 2013). Contudo, esta ligação não é meramente instrumental ou contextual, pois a experiência humana é cada vez mais influenciada por aquilo que Murray (2008) designou de “circuitos de digitalidade” através e nos quais são organizados os nossos quotidianos. Na verdade, o digital tem um discurso próprio, objetos situados (digitalmente), alguns dos quais apenas visíveis de forma mais clara pela utilização de ferramentas digitais, através da observação participante de contextos digitais ou através de experiência vivida desses contextos. O que se quer dizer



é que a relação entre a etnografia e o digital não assenta apenas numa mediação técnica que acontece num vazio social, mas resulta de uma interligação com práticas culturais relevantes que são produzidas num ecossistema específico. Para além disso, o digital, mesmo na sua vertente mais técnica, existe num contexto social, político, económico e cultural.

O conhecimento produzido por uma etnografia digital, ou seja, que estuda o digital enquanto fenómeno, que estuda fenómenos em contextos digitais e que utiliza ferramentas digitais para conhecer, leva a uma necessária reflexão sobre o método, no âmbito do que se tem designado como a “vida social dos métodos” (Savage, 2013) e sobre como, enquanto etnógrafos e etnógrafas, definimos as nossas “posicionalidades” e papéis (Silva & Webster, 2018). Neste sentido, consideramos, em alinhamento com Savage (2013), que o interesse pela vida social dos métodos “facilitates critical engagement with social research methods by resisting the instrumental framing in which they are simply seen to be technically ‘better or worse’ means of doing social research” (p. 5).

Hoje, é consensual o reconhecimento do conceito de etnografia digital, o que não significa que não existam tensões que alargam o terreno da discussão em torno de uma etnografia na *internet* ou da *internet* (Beaulieu, 2004; Miller & Slater, 2000). Contributos como o de Christine Hine (2000, 2013), que problematiza as adaptações do método etnográfico às circunstâncias e que, de alguma forma, consolida a discussão em torno da etnografia digital; de Robert Kozinets, que lança o conceito de “netnografia” (2002, 2009), ou Anne Beaulieu (2004, 2005), que reflete sobre o modo como a etnografia se reinventa ao seguir novos objetos, nomeadamente a *internet*, são alguns, de entre muitos, que têm contribuído para o estudo do método. Tem-se, então, assistido a diferentes estratégias de adequação do método etnográfico ao digital, ao mesmo tempo que se problematizaram as novas oportunidades que se abriram para aquela abordagem metodológica, nomeadamente na possibilidade de se poder fazer aquilo que Howard (2002) sugere como sendo a etnografia em rede, definida como um “desenho de investigação sinérgico para o estudo das formas organizacionais construídas em volta dos novos media” (p. 550).

Sendo o propósito da etnografia seguir grupos de indivíduos nos contextos de produção social e cultural, os contextos da *internet* passaram a ser um lugar de interesse analítico, até pela sua complexidade e por integrarem, eles mesmos, aspetos que são de *hardware* e de *software*, e ao mesmo tempo existirem em estruturas sociais, políticas, culturais, elas próprias com existência multimodal (Walker,



2010). É, também por esse motivo, importante continuarmos hoje, como há algumas décadas, a discutir o estatuto ambivalente da etnografia (Hammersley, 1992/2001). No entanto, e como alerta Hine (2009), a etnografia pode ser adaptativa, mas é propositada e é pelo comando desse propósito que seguimos as pessoas, os objetos, ou os textos em diferentes lugares (Leander & MCcKim, 2003).

CONTEXTO

De memória de guarda da fronteira, nunca tal se viu. Este é o primeiro viajante que no meio do caminho pára o automóvel, tem o motor já em Portugal, mas não o depósito da gasolina, que ainda está em Espanha, e ele próprio assoma ao parapeito naquele exacto centímetro por onde passa a invisível linha da fronteira. (José Saramago, Viagem a Portugal, 1981, p. 11)

Entre 2010 e 2011, fiz etnografia *in situ* (*offline*) numa freguesia e numa escola numa região de fronteira. O interesse do estudo era entender como os/as jovens construíam os seus percursos educativos e como eram as suas experiências sociais e culturais, enquanto jovens naquela região. Percorria as ruas, frequentava os lugares públicos, ia a casas particulares, mas também viajava até à aldeia espanhola mais próxima e com a qual há ligações familiares, culturais, de lazer e económicas. Conversava com pessoas jovens, e menos jovens, em todos estes contextos. Escrevi notas de campo, gravei algumas conversas com jovens, tirei fotografias. Fiz recolha documental sobre a região, a escola e as trajetórias escolares de jovens. Passava cerca de três dias por semana naquele contexto, viajando cerca de cinco horas.

Comecei por querer explorar como se crescia naquela região, na altura de difícil acesso, ainda que não se possa dizer que fosse remota. Esta curiosidade vinha de vários anos de etnografias urbanas em educação com jovens em contextos de educação formal e não formal. Compreender as trajetórias e as experiências de todos os dias de jovens rapazes e raparigas, como fazem as suas escolhas, que expectativas têm, mas, sobretudo, as suas culturas num contexto sobre o qual os estudos juvenis se debruçam menos, foi o primeiro impulso.



Através da etnografia, na sua versão *offline*, dei conta de fortes ligações a Espanha entre os e as jovens para quem a expressão “lado de lá” do Rio Douro/*Duero* não faz sentido (Silva, 2014). Dei conta de culturas juvenis que se produzem entre influências globais e patrimónios e heranças locais, propondo reconfigurações (Silva, 2013). Fiquei também a saber que, desde os anos 1960, várias famílias fazem fortes investimentos na educação de seus filhos e filhas, havendo várias gerações com formação no ensino superior. Aliás, a compra de casas na zona do Porto, utilizadas por diferentes gerações, é indicativa do projeto educativo e de vida construído por algumas famílias. Por outro lado, dados recolhidos na escola mostravam o desaparecimento de alguns e algumas jovens a partir do 11.º ano de escolaridade, que se deslocam para escolas e colégios de outras cidades do Norte para finalizarem o ensino secundário.

No decorrer desta investigação, a utilização de uma rede social veio, primeiro, por necessidade de continuar o contacto com os e as jovens, quando a etnografia *in situ* terminou, passado um ano. Esta opção permitiu continuar a interação com evolução de relações de proximidade que possibilitaram um contacto mais estreito com alguns e algumas, muito à semelhança do que acontece na relação entre quem faz etnografia e os participantes do contexto físico onde se está. Durante cerca de 10 anos, o trabalho de campo organizou-se em torno de momentos de observação participante das interações *online*, da análise em torno da formação da própria rede, que se foi alargando, integrando novos contextos. Foi possível seguir as trajetórias de jovens quando terminaram o ensino secundário e se distribuíram pelo mundo do trabalho, por instituições de ensino superior, mais próximas e mais distantes, ou por uma viragem para uma formação em cursos profissionais, para o exército ou para um tempo suspenso. A observação participante (participante no sentido em que me tornava visível, participava da linguagem nativa daqueles contextos *online*, interagia) e a escrita de notas de terreno, por vezes acompanhadas de algumas imagens, deram conta de itinerários diversificados. Por um lado, as notas de campo, pela sua densidade e forma, são capazes de registar circuitos, deslocações e estadias que permitiram uma leitura integrada das movimentações; por outro lado, permitiram a criação de mapas com os percursos individuais e coletivos, ligando pontos, conectando movimentos e lugares. Para cada indivíduo foi possível contruir um percurso e uma rede.

A observação das interações no contexto digital permitiu compreender, a partir de um outro lugar de proximidade, aspetos das suas vidas que aqui ficaram mais ampliados.



EXPERIÊNCIAS DE MOBILIDADE E ETNOGRAFIA DIGITAL

As trajetórias juvenis têm hoje lugar numa sociedade e cultura digitalizadas com níveis de mobilidade crescentes (Cresswell, 2011; Urry, 2000) que resultam de movimentos interligados e multissituados (Hannerz, 2003; Hine, 2007; Landri & Silva, 2012; Marcus, 1995; Webster & Silva, 2013).

Ainda que as questões da mobilidade estivessem já subsumidas em algumas das notas de terreno referentes à etnografia *offline*, foi através da etnografia *online* que a cartografia da mobilidade se tornou mais complexa e, sobretudo, com significados atribuídos mais claros: a mobilidade é uma narrativa de pertenças multissituadas e um fator relevante para estes e estas jovens na construção do seu lugar no mundo.

A etnografia mais tradicional tinha permitido identificar formas de mobilidade com o objetivo de jovens investirem na educação formal e num futuro mais promissor. Contudo, a observação em contextos digitais onde os e as jovens circulavam e interagiam permitiu-nos aceder a diferentes escalas de mobilidade – a nível comunitário, regional, nacional, transfronteiriço e internacional – e perfis de mobilidade – para o mundo do trabalho, para o mundo da educação, para o mundo do lazer (ver Tabela 1).



Tabela 1 - Perfis de mobilidade

PERFIS DE MOBILIDADE	DESCRIÇÃO
Investimento na educação	A mobilidade para a educação começa, em alguns casos, antes do final do ensino secundário, quer para escolas das cidades da região onde existem, quer para o Porto. Mobilidade mais intensa para o Ensino Superior. Distribuem-se pelas instituições de Ensino Superior das cidades da região e pelo Porto.
Investimento no trabalho	Circuitos mais curtos, circunscrevendo-se, na maior parte dos casos, ao próprio concelho, distrito e menos na região alargada ou fora dela.
Investimento em práticas de lazer	Predomina a mobilidade para cidades e povoações vizinhas. O Porto é um destino preferido de lazer, com encontros entre estudantes da freguesia e quem vai ao Porto apenas para lazer. Os melhores acessos levam a que se voltem mais para regiões do norte de Portugal em detrimento das regiões de Espanha mais próximas.
Investimento na comunidade e heranças culturais	Este tipo de mobilidade decorre do envolvimento de jovens em atividades associativas, incluindo transfronteiriças. É um movimento entre jovens que se dedicam a atividades de valorização do património e práticas culturais (investimento na transmissão de saberes tradicionais); os circuitos são feitos predominantemente para a divulgação do património e heranças culturais materiais e imateriais.

Uma análise mais detalhada desses fluxos, mais ou menos lineares, com nós de decisão ou intermitentes, mostrava que as mobilidades se realizam sob estruturas de desigualdades e constrangimentos, sejam sociais, de género ou outros.

As facetas do fenómeno da mobilidade que a etnografia digital permitiu ver melhor, não eram apenas circunscritas a identificarmos lugares onde se está, viagens que se fazem, lugares a que se chega ou onde se vai. Os meios digitais ampliaram as oportunidades de tornar visíveis densidades dos movimentos: pontuais, intensos, ligados a práticas mais imediatas; ao longo de vários anos, revelando itinerários de vida. Seguir os e as jovens através de múltiplos lugares foi uma experiência de justaposição de movimentos, seguindo sítios e rotas transregionais e simultâneas *online* e *offline*. Houve possibilidade de fazermos percursos retroativos, ou seja, compreendermos movimentos migratórios dos contextos do interior para as grandes cidades ou para outros países, nas décadas de 1960 e 1970, a partir das interações com pessoas adultas que participavam do grupo da rede social.



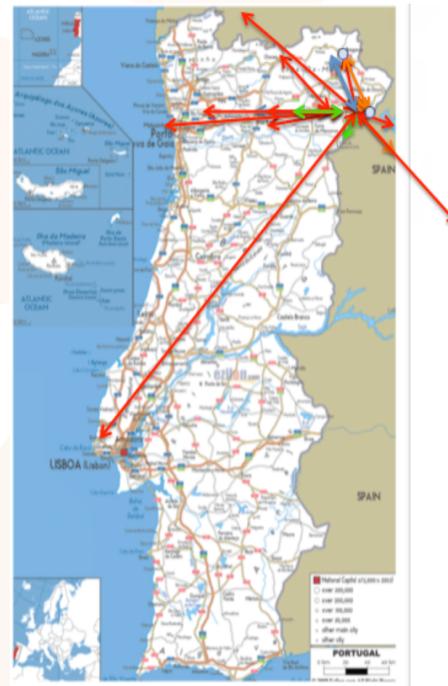
As pessoas que vivem diariamente em regiões fronteiriças têm uma cartografia particular das suas relações com lugares significativos. No âmago desta intersecção encontra-se a construção do seu sentido de pertença.

Desde muito novas, as crianças e os jovens desta aldeia parecem viver entre três eixos. Eles organizam os seus percursos predominantemente entre Espanha, a sua aldeia e região próxima e a cidade do Porto (ver Figura 1 e Figura 2).

Figura 1 - Mobilidade Cristina – 2011-2017



Figura 2 - Mobilidade Francisco – 2011-2017



A educação nas regiões fronteiriças significa mobilidade num sentido diferente daquele que existe nas suas congéneres urbanas. A etnografia multissituada permite evitar a "cegueira geográfica" (Green & Letts, 2007) ao analisar desvantagens educativas que não estão apenas relacionadas com desvantagens económicas e que necessitam de mais do que "simples abordagens de equidade redistributiva" (Roberts & Green, 2013) que, muitas vezes, assenta em programas de compensação económica. É através da mobilidade



que podemos também compreender os e as jovens e as expectativas das suas famílias, o investimento na educação e também no acesso a experiências de culturas juvenis. Os dados recolhidos nas escolas demonstraram que alguns e algumas estudantes se mudam para uma região urbana para terminar o ensino secundário e obter melhores notas e para irem para o ensino superior. A extensão e duração da mobilidade para fins educativos depende do estatuto económico e social da família e do sucesso escolar.

A mobilidade não é um esforço para aqueles jovens se tornarem mais semelhante aos das áreas urbanas, mas para evidenciar os seus próprios significados ligados à sua região de origem.

"As férias acabaram. Posso perceber isso através das fotografias carregadas no Facebook. Os jovens estão a viajar para o Porto e Vila Real. Escreveram no status "Viajar para o Porto" ou "Voar para o Porto". Sei sempre quando chegam. Tiram uma fotografia, todos juntos, no centro da cidade, na avenida dos Aliados, com a bandeira do seu município. Os comentários à foto já incluem propostas de atividades no próximo fim-de-semana, quando regressarem a casa". (Nota de terreno, online, setembro, 2015)

Através destes movimentos, estão a construir e a mudar de lugar, fazendo novas propostas para compreender o sentimento de "remotividade" e a forma como constroem o seu sentimento de pertença. Isto não significa que o sentimento de afastamento tenha terminado, mas há mudanças, combinadas com novas TIC, valorizando a sua terra natal com uma força renovada. Como referem Gualda et al. (2011, p. 25), "more the dominant logic is based on flows, the more the defense mechanisms of specific interests integrate themselves into an anchored local experience". A mobilidade é parte do exercício de construção da comunidade como "recurso e repositório de significado, e uma referência da sua identidade" (Cohen, 1985, p. 45).

Existe, claro, uma distinção social nas viagens ao Porto, seja para estudar ou para o lazer. A referência a viagens a esta cidade é frequente, nomeadamente para indicar a oportunidade de viver novas experiências como jovens em locais novos (Skelton & Valentine, 1998). Normalmente, quem viaja para o Porto conta isso nas suas páginas do Facebook, construindo aí também um pouco da experiência que está a viver. Os contextos de lazer são frequentemente assinalados, descritos e georreferenciados, o que me permitia seguir os *links* para perceber as características desses *cool places*. O acesso a estes lugares e as interações *online* que suscitavam na partilha permitia-me perceber que sentido tinham estas experiências para os e as jovens envolvidas nelas e, sobretudo, perceber os sentidos contruídos



na interação no contexto da rede social e, portanto, formados a partir de experiências digitais (Pink, 2012).

As interações na página da rede social mostram como a mobilidade é vivida cognitivamente, antecipada, anunciada com antecedência. Evidenciar que se movimentam parece ser, para os e as jovens, fundamental para mostrarem a sua autonomia. As experiências de mobilidade tornavam-se mais fortes pela relevância que a mobilidade tem para aquelas populações, em larga medida na própria organização das suas vidas, mas também porque simbolicamente é uma forma de resistência contra uma narrativa da estagnação, muitas vezes associada a contextos de interior e predominantemente rurais. O contexto digital não era apenas o depósito das informações, mas era o próprio contexto de construção do significado da mobilidade, que ganha tanto mais relevo quanto mais é tornada pública.

A mobilidade transfronteiriça, talvez porque faça parte dos quotidianos há muito tempo, não adquire um significado tão forte como quando se deslocam ao Porto ou a Lisboa ou a outras regiões de Espanha, que não aquela que se avista da sua aldeia. Não existe tanto uma relação com uma fronteira que demarque profundamente as experiências e a forma como estas são interpretadas e compreendidas. A relação com “o outro lado” é integrada como continuidade de experiências que podem ser relacionadas com trabalho, educação, lazer e vida noturna. É uma relação que tem características geracionais e ligadas a interações sociais de pares com jovens de Espanha, mas também é marcada por dimensões históricas, por memórias coletivas partilhadas e por relações familiares entre os dois lados da fronteira.

Esta relação de proximidade, que torna a viagem ao outro lado do Douro uma experiência do quotidiano e, por isso, não assinalada de modo destacado, não deixa de estar visível nos contextos digitais:

“por esta interação a propósito das festas na aldeia percebo o modo como a relação com pessoas da região de Espanha aqui ao lado é próxima. Por um lado, as famílias com membros das duas aldeias, às vezes a morarem no lado espanhol, mas a trabalharem do lado português; depois, há várias jovens raparigas que aos fins de semana, ou nas férias, costumam arranjar emprego em cafés e bares da aldeia espanhola; há ainda a organização de eventos partilhados entre as duas comunidades”. (Nota de terreno, online, junho, 2012)



Enquanto se movem, também se envolvem com uma memória social local, fazendo coisas novas, construindo comunidades que estão intimamente ligadas a um lugar, enquanto são produzidas em muitos sítios e, de certa forma, “desterritorializadas”. No entanto, esta condição multissituada não enfraquece a ligação ao território, ao lugar, ainda que pareça paradoxal.

Contrariamente à ideia de que os novos media existiriam em oposição às redes sociais locais, as redes sociais *online* tornaram-se contextos onde diferentes gerações ancoram as suas pertenças e o seu sentido de comunidade, que se intensificam através da interação *online* (Crang et al., 2007). Emmanuelle Vaast (2007, pp. 284-285) referia-se às comunidades *online* dizendo que as “Online communities have flourished with web-based technologies and usually provide arenas for people to talk about their offline situations (e.g. illnesses, hobbies) and to get answers, advice and reactions from compassionate and understanding others”.

A *internet* possibilitou também experiências relacionadas com o local, a partir de diferentes sítios, ligações translocais (Marcus, 1995). Quando muitos e muitas jovens saem da sua região para outros contextos, para estudarem ou trabalharem, constroem nos contextos *online* relações de muita proximidade com a sua região de origem. Em outras situações, o local fortalece-se nos contextos *online*, pelo modo como tornam presente os e as jovens, e disseminam as suas tradições culturais, fazendo lugar para aspetos que são significativos para o seu contexto como o grupo de Pauliteiras, ou as máscaras ou figuras míticas pagãs ancestrais. Muitas das experiências de mobilidade que são visíveis nos contextos digitais relacionam-se com deslocações que fazem para argumentarem o seu património local, representando a sua comunidade e os símbolos partilhados por diferentes gerações.

“O Rui é um dos jovens envolvidos no movimento de valorização da máscara e coloca várias fotografias do desfile, dos representantes da aldeia que o acompanharam neste evento em Lisboa. As reações são imensas e de todas as gerações, é possível ver muitos sinais de orgulho e de reconhecimento. Há muitos comentários de pessoas que, sendo originalmente daquela aldeia, moram em França ou em Lisboa”. (Nota de terreno, *online*, maio, 2015)

Quando os jovens mostram as suas viagens é, em larga medida, para as suas redes locais de amizades, mostrando a sua ligação ao local mesmo à distância, mas mostrando também que são capazes de ir a outros lugares. A mobilidade não é valorizada porque eles podem partir, mas porque podem ficar. Aliás, o que ficou muito evidente neste exercício foi precisamente o sentimento de pertença a um lugar



físico e a um território, ainda que este lugar depois exista em muitos outros contextos, reconstruído em muitos sítios, multissituado.

Eles combinam, num movimento fluido, o seu sentido de pertença a uma comunidade local e o seu sentido de pertença a uma juventude global, lutando contra serem definidos por perspetivas hegemónicas e fatalistas (Braidotti, 2010). De facto, estão a seguir uma relação histórica e estrutural com a mobilidade, estando inscritos em memórias de diferentes gerações.

Existem efeitos materiais do espaço (Roberts & Green, 2013). A mobilidade é um valor. As pessoas móveis têm mais autonomia, mais possibilidades de ter acesso a diferentes oportunidades. Para os jovens, a mobilidade faz também parte da sua identidade, indicando negociações e lutas contra a imobilização.

OS DESAFIOS AO MÉTODO NÃO SÃO PERDAS

As culturas de mobilidade são fenómenos difíceis de estudar através da etnografia na sua versão *in situ* e, nesse sentido, estudar este fenómeno foi uma excelente oportunidade de estudar o método e os seus comportamentos e de problematizar alguns conceitos centrais na etnografia, como o conceito de campo.

As tecnologias digitais permitiram o desenvolvimento de uma prática etnográfica que não está vinculada à relação de uma pessoa que observa as interações com o lugar físico onde elas acontecem. Neste sentido, o “campo” do estudo etnográfico já não é apenas um lugar num tempo-espaço delimitado, mas algo mais fluido, onde se vai para melhor compreender um fenómeno que também é fluido e que, nesse sentido, também se constrói numa ecologia mais vasta (Walker, 2010).

Assim, a definição dos lugares para o trabalho de campo não está, à semelhança do que acontece quando a etnografia é *offline*, previamente feita. A identificação daqueles lugares é um exercício evolutivo, que depende das pessoas, das biografias, das histórias e das coisas que se seguem. Os diferentes lugares que compõem o campo vão-se formando, agrupando, estendendo, ou sendo excluídos de acordo com uma dada pertinência teórica que comanda as escolhas,



Alguns autores, nomeadamente do domínio da antropologia, tinham já alertado para a necessidade de uma reinterpretação do conceito de campo antes mesmo da massificação do uso da *internet*, que amplificou o problema. Hastrup e Olwig (1997) propunham que se deveria entender o campo

rather than as a site, as being a 'field of relations'. In this sense, rather than focusing on specific research locations as they are defined physically, focus would shift to the connections between multiple locations where the actors engage in activity. (p. 8)

A construção do campo, quando se estuda experiências e práticas culturais – objetos primordiais da etnografia que também existem no mundo digital –, é desafiante na medida em que a localização física de quem faz etnografia é distinta da localização dos participantes. A etnografia multissituada, porque está mais atenta a trajetórias, movimentos que ligam diferentes sítios, acaba por ajudar a resolver esta questão, já que quem estuda o faz, em certa medida, através do tempo e do espaço (Walker, 2010). O campo etnográfico não é, assim, um lugar onde se vai; não tem uma existência prévia à estadia no terreno, sendo antes a sua consequência (Hine, 2009).

O estudo de um fenómeno multissituado levanta logo o problema do que significa o “estar aí”, um dos certificados fundamentais da etnografia *in situ*. A simultaneidade de lugares em que um fenómeno ocorre em larga medida devido ao digital e que coloca o fazer etnográfico no “Being there... and there... and there” (Hannerz, 2003, p. 202).

No estudo que aqui se apresentou, para “onde se ia” dependia mais dos participantes e das suas interações, referências a informações, referências a outros contextos, referências a experiências em lugares e que depois, um pouco à semelhança da etnografia *offline*, vamos seguir, observar e descrever (Boellstorff, 2008; Landri & Silva, 2012; Schroote n, 2012; Taylor, 2006).

Outros lugares *online* eram percorridos, como *sites* das instituições de ensino superior que frequentavam. A referência e *posts* sobre experiências de mobilidade Erasmus levaram-me também a seguir os percursos de jovens, entrando nos *sites* das universidades e cidades de acolhimento, conhecendo ofertas formativas, interações entre estudantes. Outros circuitos que segui eram *sites* ou grupos em redes sociais relacionados com a relação dos e das jovens com o seu património local. Aceder a estes movimentos impulsionados por interesses de preservação cultural, consolidou a perceção já dada pela etnografia *offline*: da relevância desses materiais culturais, da memória e



do lugar do património na vida de jovens e como usavam as redes sociais para promover a sua valorização.

Por vezes, as interações que começavam *online*, geravam interações *offline* para conversas ou entrevistas etnográficas face a face, por exemplo a pessoas adultas que saíram da região muito jovens, para trabalhar em cidades do litoral e que, através do grupo online, interagiam e faziam partilhas sobre a sua vida na freguesia, os seus regressos, as suas saudades, possibilitando aceder a outras culturas de mobilidade de jovens de outras gerações.

Assim, várias questões se levantam sobre os limites do campo, ainda mais quando as conexões, o movimento e dimensões *online* e *offline* estão presentes em simultâneo, determinando decisões. Tal como Walker (2010), considera-se no que “that choosing a field site has always meant a choice of immersion within particular networks and connections, whether it has been expressly acknowledged by the researcher or not” (p. 31).

Campo ou terreno tem sido um dos conceitos mais discutidos quando se trata de sustentar a etnografia digital e a etnografia multissituada, discutindo-se a viabilidade, ou não, de se fazer trabalho de campo multissituado. Sendo historicamente associado a uma materialidade, a um corpo que está num espaço, num lugar, num terreno, a adoção de ferramentas digitais e irmos para contextos digitais colocou enormes desafios ao modo como entendemos o que observamos e a figura de quem faz etnografia.

O entendimento de Marcus (1995) era que, mesmo na sua versão mais clássica, o “trabalho de campo como tradicionalmente percebido e praticado é já em si mesmo potencialmente multi situado” (p. 100). Na linha dos estudos da etnografia *mobile*, também se tem argumentado que a questão da mobilidade de quem faz etnografia existiu talvez até de forma mais evidente nos trabalhos das primeiras gerações de etnógrafos (Nóvoa, 2015). Mesmo quando se faz etnografia *in situ*, há sempre vários sítios físicos e materiais, simbólicos e imateriais por onde nos movimentamos. Há sempre viagem na etnografia, porque há sempre distâncias a percorrer, sejam estas de que natureza forem: geográficas, cognitivas, conceptuais.



As viagens do etnógrafo e da etnógrafa são habitadas como lugares de mudança epistemológica e ontológica, mas também de negociação de significados e de linguagens. O estudo destas mobilidades de jovens sugere os benefícios das ruturas e alternativas epistémicas emergentes (Meneses, 2008; Santos, 2008). Para poder compreender e investigar a mobilidade neste contexto é exigido também o movimento de quem investiga – físico e cognitivo, da perspetiva urbana às perspetivas rural e fronteira, por exemplo. Como investigar sobre estas experiências, quando a nossa experiência de investigação é mais sensível às questões urbanas? Assim, se a etnografia digital permitiu compreender os fluxos e as redes de movimento, permitiu aceder a significados e a culturas de mobilidades, foi também o *being there* físico, para além de participação digital, que possibilitou determinadas interpretações.

Há culturas a tomarem forma simultaneamente em contextos *online* e *offline*, constituindo-se como redes de significância (Geertz, 1973). A primeira parte *in situ*, seguida de *online* e intermitência *in situ* com entrevistas, conversas, visitas físicas a lugares, possibilitou uma maior profundidade e densidade nas descrições e nas reflexões, tendo permitido criar instrumentos assentes no terreno, próximos das racionalidades dos lugares.

Esta experiência mostra que quem faz investigação desenvolve o seu percurso metodológico através de diferentes camadas (Dirksen et al., 2010) de apropriação de contextos e métodos. Associar um modelo tradicional de fazer etnografia com etnografia *online* parece-me uma estratégia precisa para a recolha de dados etnográficos relevantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procurou-se refletir sobre a adequação metodológica para estudar e compreender itinerários, também educativos, protagonizados por jovens de regiões de fronteira rurais em Portugal. Consideramos que há um imenso potencial na *internet*, enquanto contexto de investigação, nomeadamente sobre a mobilidade entendida como um fenómeno cultural e social que traduz relações sociais que se desenvolvem em contextos "socioespaciais". Como refere Christine Hine (2009),

Internet research proves to be a rich arena for thinking about how contemporary culture is constituted, and a powerful way to do that thinking is to reflect on the boundaries of individual projects and, at the same time, to explore the boundaries of what it means to do ethnography. (p. 2)



A etnografia *online* permitiu aceder a mobilidades de jovens, compreendendo o hibridismo das interações entre o local e o global, ou aquilo que Rosenau (2003) denomina de proximidades distantes, nas suas identidades, culturas e escolhas que permitem resistir a perspectivas mais hegemónicas sobre jovens de regiões mais afastadas dos grandes centros urbanos (Braidotti, 2010). Enquanto se movimentam, condição que parece ser muito valorizada, não se desvinculam de uma memória social local que articulam com identidades globais juvenis (Nóvoa, 2014). "Sair" da sua região de origem, para estudar ou para trabalhar, não é viver numa condição sem lugar.

Foi em larga medida a etnografia em contexto digital que tornou muito clara a força do território e o sentido de *placeness* e, assim, nas manifestações culturais *online*, enfatizando a sua pertença a uma região, a um município, a uma aldeia, pode dizer-se que a sua manifestação *online* aumentou o sentimento de pertença a um lugar. Esta afirmação da pertença a um lugar físico, que é ampliada e também construída pelas experiências e interações *online*, mostra que a oposição *online/offline* ou real/virtual é discutível, sugerindo-se uma interdependência espaciotemporal (Crang et al., 2007) que melhor ajuda a compreender os sentidos das mobilidades juvenis que são também mediadas pela *internet*. Vincar a dualidade tem consequências em termos metodológicos e teóricos e no modo como nos propomos abordar um objeto (Walker, 2010). A etnografia multissituada, como um politeísmo metodológico (Bourdieu & Wacquant, 1992), permitiu compreender melhor diferentes mobilidades e o papel que desempenham na vida e na identidade dos jovens. Na realidade, o que aqui argumentamos é que o digital não é apenas o contexto no qual certas práticas se realizam, mas que o próprio digital se incorpora no fenómeno, adicionando-lhe camadas novas.

À pergunta de Martyn Hammersley (1992/2001) que deu título ao livro "What's wrong with ethnography?", o próprio autor respondia explorando as ambivalências do método, quer no sentido da sua autoridade estar legitimada, quer no sentido de estar de facto em causa enquanto forma legítima de produzir conhecimento. A proliferação de diferentes formas de nos apropriarmos do método aumentou com as novas tecnologias, intrinsecamente sociais (Hine, 2009), que disponibilizaram ferramentas e criaram contextos sociais de interação, de experiência vivida e de produção cultural. Os contextos digitais influenciam o modo como o próprio processo de investigação se constrói e como o etnógrafo e a etnógrafa fazem terreno e se aproximam do objeto. O método incorpora aspetos novos que os contextos e seus fenómenos trazem (Madison, 2005). Estas transformações, como outras que o método já sofreu, criam "ansiedades metodológicas" (Marcus, 1995, p. 99) em torno dos limites da etnografia, do poder do trabalho de terreno e da sua validação.



REFERÊNCIAS

Amit, V. (Ed.). (2000). *Constructing the Field: Ethnographic Fieldwork in the Contemporary World*. Routledge.

<https://www.routledge.com/Constructing-the-Field-Ethnographic-Fieldwork-in-the-Contemporary-World/Amit/p/book/9780415198301>

Baker, S. (2013). Conceptualising the use of Facebook in ethnographic research: as tool, as data and as context. *Ethnography and Education*, 8(2), 131-145. <https://doi.org/10.1080/17457823.2013.792504>

Beaulieu, A. (2004). Mediating ethnography: objectivity and the making of ethnographies of the internet. *Social Epistemology*, 18(2-3), 139-163. <https://doi.org/10.1080/0269172042000249264>

Beaulieu, A. (2005). Sociable Hyperlinks: An Ethnographic Approach to Connectivity. Em C. Hine (Ed.), *Virtual Methods : Issues in Social Research on the Internet* (pp. 183-197). Bloomsbury Academic. <https://doi.org/10.5040/9781474215930.ch-013>

Boellstorff, T. (2008). *Coming of Age in Second Life: : An anthropologist explores the virtually human* (1st ed.). Princeton University Press.

Bourdieu, P., & Wacquant, L. (1992). *An Invitation to Reflexive Sociology*. Oxford University Press.

Braidotti, R. (2010). Nomadism: Against Methodological Nationalism. *Policy Futures in Education*, 8(3-4), 408-418.

<https://doi.org/10.2304/pfie.2010.8.3.408>

Cohen, A. P. (1985). *The Symbolic Construction of Community*. Tavistock Publications.

Crang, M., Crosbie, T., & Graham, S. (2007). Technology, Time-Space, and the Remediation of Neighbourhood Life. *Environment and Planning A: Economy and Space*, 39(10), 2405-2422. <https://doi.org/10.1068/a38353>



Cresswell, T. (2011). Mobilities I: Catching up. *Progress in Human Geography*, 35(4), 550-558. <https://doi.org/10.1177/0309132510383348>

Denzin, N. (2004). Prologue: Online environments and interpretive social research. Em M. Johns, S.-L. S. Chen, & G. J. Hall (Eds.), *Online social research: Methods, issues and ethics* (pp. 1-12). Peter Lang Publishing.

Dicks, B., Mason, B., Coffey, A., & Atkinson, P. (2005). *Qualitative research and hypermedia: Ethnography for the digital age*. SAGE Publications, Inc.

Dirksen, V., Huizing, A., & Smit, B. (2010). «Piling on layers of understanding»: the use of connective ethnography for the study of (online) work practices. *New Media & Society*, 12(7), 1045-1063. <https://doi.org/10.1177/1461444809341437>

Geertz, C. (1973). *The Interpretation of Cultures*. Basic Books.

Green, B., & Letts, W. (2007). Space, equity, and rural education: A `trialectical' account. Em K. N. Gulson & C. Symes (Eds.), *Spatial Theories of Education* (pp. 57-76). Routledge. <https://doi.org/10.4324/9780203940983-10>

Gualda, E., Fragoso, A., & Lucio-Villegas, E. (2011). The border, the people and the river: development of the cross-border area between southern Spain and Portugal. *Community Development Journal*, 48(1), 23-39. <https://doi.org/10.1093/cdj/bsr064>

Hammersley, M. (2001). *Routledge Revivals: What's Wrong With Ethnography? The myth of theoretical description. Methodological Explorations*. Routledge. <https://doi.org/10.4324/9781351038027> (Original work published 1992)

Hannerz, U. (2003). Being there... and there... and there!: Reflections on Multi-Site Ethnography. *Ethnography*, 4(2), 201-216.

<https://doi.org/10.1177/14661381030042003>



Hastrup, K., & Olwig, K. F. (1997). Introduction. Em K. Hastrup & K. F. Olwig (Eds.), *Siting Culture: The Shifting Anthropological Object* (pp. 1-14). Routledge.

Hewson, C., Vogel, C., & Laurent, D. (2016). *Internet Research Methods*. Sage Publications. <https://doi.org/10.4135/9781473920804>

Hine, C. (2000). *Virtual Ethnography*. Sage Publications. <https://doi.org/10.4135/9780857020277>

Hine, C. (2007). Multi-sited Ethnography as a Middle Range Methodology for Contemporary STS. *Science, Technology, & Human Values*, 32(6), 652-671. <https://doi.org/10.1177/0162243907303598>

Hine, C. (2009). How can qualitative internet researchers define the boundaries of their projects? Em A. N. Markham & N. K. Baym (Eds.), *Internet Inquiry: Conversations About Method* (pp. 1-20). Sage Publications. <https://doi.org/10.4135/9781483329086.n1>

Hine, C. (Ed.). (2013). Virtual Methods and the Sociology of Cyber-Social-Scientific Knowledge. Em *Virtual Methods : Issues in Social Research on the Internet* (pp. 1-13). Bloomsbury Academic. <https://doi.org/10.5040/9781474215930.ch-001>

Howard, P. N. (2002). Network Ethnography and the Hypermedia Organization: New Media, New Organizations, New Methods. *New Media & Society*, 4(4), 550-574. <https://doi.org/10.1177/146144402321466813>

Kozinets, R. V. (2002). The Field behind the Screen: Using Netnography for Marketing Research in Online Communities. *Journal of Marketing Research*, 39(1), 61-72. <https://doi.org/10.1509/jmkr.39.1.61.18935>

Kozinets, R. V. (2009). *Netnography: Doing Ethnographic Research Online*. Sage Publications.

Landri, P., & Silva, S. M. (Eds.). (2012). *Rethinking Educational Ethnography: Researching Online Communities and Interactions*. CIIE-FPCEUP.



Leander, K. M., & McCKim, K. K. (2003). Tracing the Everyday «Sitings» of Adolescents on the Internet: a strategic adaptation of ethnography across online and offline spaces. *Education, Communication & Information*, 3(2), 211-240. <https://doi.org/10.1080/14636310303140>

Madison, D. S. (2005). *Critical Ethnography: Method, Ethics, and Performance* *Critical ethnography: Method, ethics, and performance*. Sage Publications. <https://doi.org/10.4135/9781452233826>

Marcus, G. E. (1995). Ethnography in/of the World System: The Emergence of Multi-Sited Ethnography. *Annual Review of Anthropology*, 24(1), 95-117. <https://doi.org/10.1146/annurev.an.24.100195.000523>

Markham, A. (1998). *Life Online: Researching Real Experience in Virtual Space*. Altamira Press.

Markham, A. N., & Baym, N. K. (Eds.). (2009). *Internet Inquiry: Conversations about Method*. Sage Publications.

Meneses, M. P. (2008). Epistemologias do Sul. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 80, 5-10. <https://doi.org/10.4000/rccs.689>

Miller, D., & Slater, D. (2000). *The Internet: An Ethnographic Approach*. <https://doi.org/10.4000/lhomme.8024>

Murray, S. (2008). Cybernated Aesthetics: Lee Bul and the Body Transfigured. *A Journal of Performance and Art*, 30(2), 38-50. <https://doi.org/10.1162/pajj.2008.30.2.38>

Murthy, D. (2008). Digital Ethnography. *Sociology*, 42(5), 837-855. <https://doi.org/10.1177/0038038508094565>

Nóvoa, A. (2014). «A Country on Wheels»: A Mobile Ethnography of Portuguese Lorry Drivers. *Environment and Planning A: Economy and Space*, 46(12), 2834-2847. <https://doi.org/10.1068/a140115p>



Nóvoa, A. (2015). Mobile ethnography: emergence, techniques and its importance to geography. *Human Geographies - Journal of Studies and Research in Human Geography*, 9(1), 97–107. <https://doi.org/10.5719/hgeo.2015.91.7>

Pink, S. (2012). *Situating Everyday Life: practices and places*. Sage Publications.

Pink, S., Horst, H., Postill, J., Hjorth, L., Lewis, T., & Tacchi, J. (2016). *Digital Ethnography: Principles and Practice*. Sage Publications.

Plowman, L. (2017). Revisiting ethnography by proxy. *International Journal of Social Research Methodology*, 20(5), 443-454.

<https://doi.org/10.1080/13645579.2016.1196902>

Roberts, P., & Green, B. (2013). Researching Rural Places. *Qualitative Inquiry*, 19(10), 765-774. <https://doi.org/10.1177/1077800413503795>

Rosenau, J. N. (2003). *Distant Proximities: Dynamics beyond Globalization*. Princeton University Press.

Santos, B. de S. (2008). A filosofia à venda, a douda ignorância e a aposta de Pascal. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 80, 11-43.

<https://doi.org/10.4000/rccs.691>

Savage, M. (2013). The «Social Life of Methods»: A Critical Introduction. *Theory, Culture & Society*, 30(4), 3-21.

<https://doi.org/10.1177/0263276413486160>

Schrooten, M. (2012). Moving ethnography online: researching Brazilian migrants' online togetherness. *Ethnic and Racial Studies*, 35(10),

1794-1809. <https://doi.org/10.1080/01419870.2012.659271>



Silva, S. M. (2013). Disinheriting the heritage and the case of Pauliteiras: Young girls as newcomers in a traditional dance from the Northeast of Portugal. Em J. Baldacchino & R. Vella (Eds.), *Mediterranean art and education: Navigating local, regional and global imaginaries through the lens of the arts and learning* (pp. 43-58). Sense Publishers & Mediterranean Journal of Educational Studies.

https://doi.org/10.1007/978-94-6209-461-1_4

Silva, S. M. (2014). Growing Up in a Portuguese Borderland. Em S. Spyroum & M. Christou (Eds.), *Children and Borders* (pp. 62-77). Palgrave Macmillan. **https://doi.org/10.1057/9781137326317_4**

Silva, S. M., & Webster, J. P. (2018). Positionality and Standpoint: Situated Ethnographers Acting in On- and Offline Contexts. Em D. Beach, C. Bagley, & S. M. da Silva (Eds.), *Handbook Ethnography and Education* (pp. 501-512). Wiley-Blackwell.

<https://doi.org/10.1002/9781118933732.ch22>

Skelton, T., & Valentine, G. (Eds.). (1998). *Cool places. Geographies of youth cultures*. Routledge.

Taylor, T. L. (2006). *Play Between Worlds*. MIT Press.

Urry, J. (2000). *Sociology Beyond Societies*. Routledge.

Vaast, E. (2007). What Goes Online Comes Offline: Knowledge Management System Use in a Soft Bureaucracy. *Organization Studies*, 28(3), 283-306. **<https://doi.org/10.1177/0170840607075997>**

Walker, D. M. (2010). The Location of Digital Ethnography. *Cosmopolitan Civil Societies: An Interdisciplinary Journal*, 2(3), 23-39.

<https://doi.org/10.5130/ccs.v2i3.1596>



Webster, J. P., & Silva, S. M. (2013). Doing educational ethnography in an online world: methodological challenges, choices and innovations. *Ethnography and Education*, 8(2), 123-130. <https://doi.org/10.1080/17457823.2013.792508>

Wellman, B., & Haythornthwaite, C. A. (Eds.). (2002). *The Internet in everyday life*. Blackwell Publishing.